



PERCEPÇÕES E MODIFICAÇÕES CORPORAIS

Carolina Olmedo Méndez¹

RESUMO

O projeto “Percepções e modificações corporais” vem sendo desenvolvido a partir do estudo das reconfigurações identitárias dos imigrantes por meio das modificações corporais produzidas pelas relações destes com os brasileiros. Os objetivos do plano de trabalho contemplam o contato com a bibliografia sobre a interseção temática entre imigração e corpo como também a elaboração de fichamentos do material bibliográfico levantado, conjuntamente com a sistematização das principais formas de percepção e de modificações corporais assim também, conhecer os contextos e motivações relacionadas a elas. A coleta dos dados está sendo realizada por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado aos imigrantes contatados, em sua maioria na UFS. A análise preliminar delas foi realizada com base nos principais conceitos estudados que são identidade, corpo, imigração e modificações corporais. Esta análise tem apontado que a principal motivação das modificações corporais dos imigrantes entrevistados está em que o Brasil é visto por eles como um país onde o corpo é uma dimensão que demanda muitos cuidados devido a que ele é mormente exposto o que os tem instigado a atender a esta dimensão de sua identidade como também a se relacionar com seu corpo de uma forma diferente e que não o tinham em seus lugares de origem. Concluiu-se por tanto que a discussão das identidades, do corpo como forma de materialização da identidade, e as modificações corporais no contexto dos estudos migratórios são relevantes uma vez que qualquer mudança realizada no corpo influi diretamente nas relações sociais.

Palavras-chave: Identidade. Imigração. Modificações corporais.

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe/ Bolsista PIBIC- CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa Processos Identitários e Poder (GEPIIP) carolitamoc7@yahoo.es.

INTRODUÇÃO

O que será apresentado neste artigo compreende os resultados preliminares do projeto de pesquisa “Percepções e modificações corporais” que vem sendo desenvolvido por mim dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) com o apoio do CNPq. O conteúdo que será desenvolvido foi extraído dos relatórios parciais² e final³ correspondente às etapas: primeira compreendendo um relatório parcial e um final e a segunda etapa que inclui até o momento um relatório parcial.

O projeto teve início em julho de 2016 até agosto de 2017, sendo esta a primeira etapa. Nela me dediquei a uma pesquisa de caráter mais exploratório já que a mesma foi desenvolvida a partir do trabalho de pós-doutoramento do Prof. Dr. Marcelo A. Ennes realizado nas cidades de Madrid, Espanha e Lisboa, Portugal nos períodos de 2013 e 2014 sob a supervisão da Profa. Dra. Natália Ramos (Centro de Estudos Migratórios e Relações Interculturais – CEMRI, da Universidade Aberta em Lisboa, Portugal) estudo no qual é apresentada a discussão da relação que existe entre a interculturalidade, migrações e as modificações corporais.

Pensada para o contexto brasileiro com recorte nas regiões norte e nordeste, que de certa forma nos introduz a pensar a imigração nestas regiões em que o fato migratório não tem sido uma questão que chamasse a atenção dos pesquisadores quando pensadas em relação àquelas regiões mais reconhecidas no país.

Na primeira etapa do projeto realizei o levantamento bibliográfico de maneira a identificar no Brasil e especificamente nas regiões mencionadas, estudos que trouxessem a discussão da intercessão temática imigração e corpo. Para tal utilizei o recurso dos repositórios institucionais das universidades federais das regiões respectivas entre outros sites de publicações científicas.

Não havendo localizado estes estudos específicos que contribuíssem para a proposta de análise que são as modificações corporais a partir das relações que se produzem entre os imigrantes e brasileiros como parte do processo das

²Parcial.2018

<https://sigaa.ufs.br/sigaa//pesquisa/relatorioBolsaParcial.do?idRelatorio=29880291&dispatch=view>
Parcial.2017

<https://sigaa.ufs.br/sigaa//pesquisa/relatorioBolsaParcial.do?idRelatorio=24354005&dispatch=view>

³ Final 2017

<https://sigaa.ufs.br/sigaa//pesquisa/relatorioBolsaFinal.do?idRelatorio=27372021&dispatch=view>

reconfigurações identitárias no contexto migratório foi necessário priorizar a leitura dos textos que discutissem as principais categorias de interesse da pesquisa como corpo, modificações corporais, imigração e identidade. Ademais foram feitas leituras sobre metodologia e realização de trabalho de campo como também a localização, contato e aproximação com os imigrantes.

Até a apresentação do último relatório que compreende a primeira fase da segunda etapa continuei à revisão de literatura contemplando o estudo mais aprofundado principalmente do universo empírico procedendo à realização das entrevistas como forma de coleta de dados.

Os objetivos do plano de trabalho abrangem o contato com a bibliografia sobre a interseção temática entre imigração e corpo como também a elaboração de fichamentos e resenhas sobre o material bibliográfico levantado, conjuntamente com a sistematização das principais formas de percepção e de modificações corporais e desta forma conhecer os contextos e motivações relacionadas às percepções e modificações do corpo dos imigrantes a partir de suas relações com os brasileiros.

Serão apresentadas a seguir algumas das principais reflexões que norteiam a pesquisa apontando em primeiramente para o lugar de fala dentro do campo da sociologia em que o presente estudo está inserido, seguidamente serão expostas algumas noções fundamentais a partir dos autores selecionados que abordam as categorias escolhidas: identidade, corpo e modificações corporais e imigração. Seguidamente será apresentada os resultados da análise preliminar dos dados coletados e finalmente alguns apontamentos futuros para a continuidade do trabalho

1. A PARTIR DE UMA SOCIOLOGIA RELACIONAL

O aporte de Emirbayer (1997) e seu enfoque para a sociologia relacional, perspectiva esta que o autor apresenta sintetizando as principais concepções dos autores que convergem para este campo de análise sociológico é o lugar de fala a partir do qual o presente estudo é pensado.

Os estudos sobre migração têm demonstrado cada vez mais que se trata de uma questão bastante complexa e que por tanto é inevitável uma abordagem relacional do assunto. Muito se tem discutido a partir da dimensão econômica, política,

jurídico-legal, étnico-raciais, históricos entre outros, nossa proposta aborda a imigração a partir da dimensão relacional especialmente considerando a proposta de Mustafa Emirbayer em seu “Manifiesto en pro de una sociología relacional” no qual o autor aposta nesta abordagem como sendo o “nível médio” na eterna discussão que se mantém nos estudos sociológicos que é a questão de indivíduo-sociedade, sociedade-indivíduo, ou conforme aponta o autor, a discussão do “macro” e do “micro” (EMIRBAYER, 1997, p. 299).

Neste “nível médio” Emirbayer afirma que “o estudo dos encontros cara a cara se transforma num assunto de localizar regularidades em todos os processos transacionais, de especificar mecanismos recorrentes, padrões y secuencias em ‘ocasiones’”⁴ (EMIRBAYER, 1997, p. 301) e continua citando as palavras de Erving Goffman enfatizando o que considera ser a “epígrafe” do seu manifesto: “Então, não são os homens e seus momentos, e sim os momentos e seus homens”⁵(GOFFMAN, 1967, p. 31 apud EMIRBAYER, 1997, p.300-301)

No campo dos processos transacionais referidos pelo autor pode se pensar as identidades, pois elas “[...] requerem confiança mútua e um reconhecimento recíproco para chegar a ser [...]” (EMIRBAYER, 1997, p. 301) indicando assim que ela, (a confiança) é condição necessária dentro das relações sociais em que superado o “estado de natureza” ao qual o autor faz referência citando Hobbes, os atores sociais dão uns aos outros o direito de existir.

Partindo desta premissa das relações adentro na discussão sobre as identidades a partir das diversas acepções pelas quais é explicada sua construção e seu papel no plano relacional a opção que, do ponto de vista do estudo em interesse é o que melhor se coloca no âmbito da nossa análise sobre as reconfigurações identitárias no contexto migratório. A identidade no contexto migratório passa a ser um fator problemático no sentido das tensões que supõem o fato da mobilidade ou deslocamento humano. Esta tensão se vive tanto do ponto de vista do imigrante como também do da sociedade que o recebe. A pesquisa está baseada na experiência destes atores sociais enquanto suas relações com os brasileiros e a partir destas

⁴ Tradução livre para “[...]el estudio de los encuentros cara a cara se convierte en un asunto de localizar regularidades en todos estos procesos transaccionales, de especificar mecanismos recurrentes, patrones y secuencias en “ocasiones” [...]”

⁵ Tradução livre para ““Entonces, no son los hombres y sus momentos, sino más bien los momentos y sus hombres”.

relações conhecer os contextos e as motivações em que se produz a reconfiguração identitária. São várias as possibilidades de pensar a identidade entre elas estão a etnia, a religião, a nacionalidade, o gênero, a sexualidade, o corpo entre outras.

Desta forma, levando em consideração o corpo como uma forma de materialização da identidade passo a abordar a reconfiguração identitária por meio de modificações corporais já que qualquer mudança nele praticada também tem seu reflexo nas relações sociais.

2. CONFIGURAÇÕES E RECONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS

Em muitos casos, conforme Gilman (2005) o corpo é um fator que “denuncia” o imigrante em sua condição, ele é reconhecido como “estrangeiro” por este elemento de sua identidade, mas não somente por ele. Sobre este assunto do reconhecimento a partir da diferença Ennes e Ramos ressaltam que

A imigração é uma das fontes mais poderosas da produção da diversidade. O imigrante individual ou em grupo produz alteridade, pluralidade e multi/interculturalidade (RAMOS, 2008, 2009, 2010, 2014). Os traços étnicos, o idioma ou o sotaque, a religião, a gastronomia e o vestuário são marcadores culturais facilmente identificáveis e, por isso, possuem grande potencial para produzir estranhamento e rejeição (BAUMAN, 1999; ELIAS, 2000). Pode-se dizer que, se o imigrante foi, na passagem do século XIX para o XX, a materialização da diferença étnica/racial, hoje, materializa a diferença cultural. (ENNES, RAMOS, 2017, p.188)

Sem adentrar ainda na discussão sobre o corpo, que conforme dito acima é um elemento da identidade, serão apresentadas a seguir algumas das principais noções sobre a identidade de maneira que colabore na compreensão da relação que existe entre a identidade, a sua construção e como ela funciona nas relações sociais.

Para isto Kathryn Woodward é uma das autoras consultadas, a mesma traz a discussão da identidade e a diferença (categoria na qual o imigrante é comumente inserido), como elas são definidas e como elas estão associadas entre si. A autora propõe pensar sobre a identidade apontando para suas diversas facetas na qual a diferença é uma questão basilar já que segundo a mesma, a diferença funciona como um marcador que estabelece “[...] quem é incluído e quem é excluído [...]”

(WOODWARD, 2000, p.8) de determinado grupo social. Segundo a autora “A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2000, p.14).

Woodward ressalta que para que haja uma compreensão de como a identidade funciona é necessário recorrer às *conceitualizações* e divisões da identidade em suas várias dimensões, a saber, étnica, nacional, de gênero, de classe etc. e assim propõe considerar alguns aspectos importantes da identidade no momento de analisá-la como o aspecto material, social e psíquico.

Kathryn Woodward enfatiza que no momento de se pensar a identidade é indispensável considerar e do mesmo modo a “[...] condições *sociais e materiais* [...]” (WOODWARD, 2000, p.14) e apresenta como exemplo que um grupo seja considerado simbolicamente como inimigo de outro, tal ponderação ocasiona para o grupo que é excluído, uma desvantagem material já que um se distingue do outro marcando as diferenças por meio do uso ou consumo de determinado produto.

A autora se refere ao social e ao simbólico como sendo “[...] processos diferentes, mas [...] necessários para a construção e a manutenção das identidades” (WOODWARD, 2000, p.14) e que quando algo é marcado simbolicamente significa que por meio dela estamos atribuindo sentido a nossas práticas e relações sociais e definimos quem pertence e quem é excluído, isto não é outra coisa senão uma forma de classificar as diferenças nas nossas relações sociais.

Para a autora não há uma unificação das identidades e que em seu interior pode haver contradições que precisam ser negociadas, fazendo uma analogia, quando se trata de questões entre o âmbito individual e o coletivo, tendo como exemplo mais preciso quando se reivindica uma identidade nacional, mas se tem práticas do cotidiano que se compartilha com o outro grupo.

Para explicar como as identidades se formam e são mantidas, Woodward enfatiza a necessidade de investigar os motivos que levam as pessoas a assumir uma determinada postura de identidade e se *identificarem* com ela, de se reconhecerem nela e ainda levanta um questionamento para pensar: “Por que as pessoas investem nas posições que os discursos da identidade lhes oferecem?” (WOODWARD, 2000, p.15). Para isto a autora propõe que junto com a dimensão simbólica e social, seja também considerado o plano *psíquico*.

Diante do que atualmente é argumentado sobre a existência de uma “crise de identidade” Woodward enfatiza que é preciso analisar a formação das identidades e os processos que nela estão envolvidos como também cabe a pergunta de “[...] em que medida as identidades são fixas ou, de forma alternativa, fluidas e cambiantes” (WOODWARD, 2000, p. 16).

Segundo Kobena Mercer (MERCER, 1990, p.4 apud WOODWARD, 2000, p. 18) a identidade passa a se tornar um problema quando *"[...] é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza"*, sendo assim, a crise de identidade pode ser compreendida a partir desta dinâmica que gera os questionamentos em torno dela.

A autora apresenta os diferentes contextos em que identidade e crise de identidade que a colocaram como assunto central. O primeiro contexto em que é possível observar a crise de identidade é a *globalização* por todas as suas implicações na transformação econômica, cultural, no consumo, nos estilos de vida; diante disto Woodward afirma um dos resultados da globalização é perceptível na questão da identidade já que por meio dela se produz uma homogeneização cultural que se desenvolve mediante o mercado global e que tem como consequência por um lado o distanciamento da identidade, da cultura local, por outro lado, provocar uma resistência que leva a um fortalecimento das identidades locais e nacionais.

Segundo Woodward ainda como resultado da globalização encontrasse também o fenômeno da imigração. A autora afirma que a migração *"[...] produz identidades plurais como também identidades contestadas, em um processo caracterizado por grandes desigualdades"* (WOODWARD, 2000, p. 21). Desta maneira a mobilidade de pessoas produz identidades localizadas e moldadas em e por diferentes lugares.

Eventos como o colapso da União Soviética pelo que o comunismo deixou de ser a referência que definia as posturas políticas na Europa Oriental, surgiram novamente antigas maneiras de identificação recorrendo às identidades étnicas, religiosas e nacionais.

Também na Europa pós-colonial e nos Estados Unidos observou-se da parte dos povos que foram colonizados, mas também dos colonizadores novas buscas por certezas étnicas, apareceram, por exemplo, movimentos religiosos que reivindicavam um exclusivismo cultural devido à marginalização que puderam sofrer *"[...] no interior das sociedades 'hospedeiras' [...]"* (WOODWARD, 2000, p. 22).

Segundo a autora estes e vários outros eventos do passado influenciam na construção do que vem a ser uma contestação ou justificação para criar novas e futuras identidades

Para dar continuidade à reflexão sobre a identidade e o fator essencial que funciona como “marcador” conforme citação de Kathryn Woodward (2000), Denys Cuche também ressalta que “[...] De maneira mais precisa, a recente moda da identidade é o prolongamento da exaltação da diferença [...] (CUCHE, 2002, p.176). Cuche apresenta o conceito de identidade cultural, ideia que segundo o mesmo, ela surgiu nos Estados Unidos quando pesquisadores na área da psicologia social pretendiam encontrar ferramentas adequadas que permitissem analisar “[...] os problemas de integração dos imigrantes [...]”⁶

Deste ponto de vista segundo o autor, a identidade cultural foi compreendida inicialmente como sendo algo imutável e que determinava a conduta dos indivíduos, mas que logo foi superado por ideias que apontam-na como algo que está intrinsecamente ligada ao “contexto relacional” e afirma que “[...] a identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente” (CUCHE, 2000.p.177).

Sendo assim, o autor critica a abordagem subjetivista da identidade que a partir desta ótica é vista como uma representação da realidade social da parte dos indivíduos e que esta concepção coloca a construção de identidade no plano da imaginação negando a sua eficácia e seus efeitos sociais.

Ainda Denys Cuche apresenta o paradoxo em que se situa a identidade, pois, diz ele que “[...] é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista)”⁷. Apresenta-se desta forma, segundo Cuche a identidade cultural como uma forma de categorizar a distinção entre nós e eles cuja base, nesta perspectiva, encontra-se na diferença cultural.

Citando Fredrik Barth, Cuche aponta a ideia de identidade proposta pelo autor segundo o qual “[...] a identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas” (CUCHE, 2000, p.182). Parafraseando Cuche, a definição

⁶ Ibidem

⁷ Ibidem

da identidade de um grupo não passa pelo “inventário” de seus traços culturais que os distinguem, mas que se trata da localização daquelas que os membros dos grupos o utilizam para se afirmar e manter a sua distinção em termos culturais.

Quando o autor faz referência à identidade e a diferença coloca a ideia da relação que existe entre a “identidade e a alteridade”, pois afirma que nenhuma identidade existe por si mesma nem para si mesma. Segundo Pierre-Jean Simon (SIMON, 1979, p.24 apud CUCHE, 2000, p.184) “[...] A identidade é sempre uma concessão, uma negociação entre uma ‘*auto-identidade*’ definida por si mesmo e uma ‘*hetero-identidade*’ ou uma ‘*exo-identidade*’ definida pelos outros” (Simon, 1979, p.24 apud CUCHE). Desta forma, podemos afirmar que a diferença é inerente à identidade.

No enfoque sobre a diferença Denys Cuche ressalta um aspecto que resulta do conflito que pode gerado no contexto das relações “[...] de força entre os grupos de contato – que pode ser uma relação de forças simbólicas” (CUCHE, 2000,p.184) que tem como consequência a produção de uma “identidade negativa”, que o autor afirma ser aquela que é definida como diferente em relação à referência que a maioria constitui e neste caso, a minoria reconhece a sua diferença como negativa e consequentemente, afirma o autor, isto pode se desenvolver entre eles o “desprezo por si mesmos”, desta forma, continua, “[...] a identidade negativa aparece como uma identidade vergonhosa e rejeitada em maior ou menor grau, o que se traduzirá muitas vezes como uma tentativa para eliminar, na medida do possível, os sinais exteriores da diferença negativa”.⁸

Cuche também aborda a questão da identidade como um assunto de Estado a partir do surgimento dos Estados-Nações uma vez que estes tornaram-se “o gerente da identidade para o qual ele instaura regulamentos e controles” (CUCHE, 2000, p.188). O autor também enfatiza que o papel do Estado em termos de identidade tem se caracterizado pela rigidez, pois sua tendência é a “monoidentificação” mediante o reconhecimento de “[...] apenas uma identidade cultural para definir a identidade nacional [...] seja por definir uma identidade de referência, a única verdadeiramente legítima” ⁹.

⁸ Ibidem

⁹ Ibidem

Outra questão levantada pelo autor é a “multidimensionalidade” da identidade apresentando como exemplo a chamada “dupla identidade” que pode ser mais bem compreendida no caso específico dos imigrantes. Cuche salienta que a “dupla identidade” é vista como algo negativo, pois ela se associa a uma “dupla lealdade que é veiculada pela ideologia nacional” o que denota uma “incapacidade de pensar o misto cultural” (CUCHE, 2000, p.193). A este respeito a autor também apresenta uma forma de pensar a identidade à qual chama de “identidade sincrética” que seria o resultado de uma síntese de várias identidades que um indivíduo pode adquirir uma vez que este se encontra fazendo parte de várias culturas, assim, ela depende do contexto e das situações particulares.

Outro ponto fundamental na discussão sobre a identidade apresentada por Cuche está na ideia das “estratégias de identidade”. Sobre este assunto, o autor ressalta que “[...] O conceito de estratégia indica também que o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de certa margem de manobra. Em função de sua avaliação da situação, ele utiliza seus recursos de identidade de maneira estratégica” (CUCHE, 2000, p.196), estes recursos podem ser, por exemplo, a língua de forma que permita que o indivíduo seja reconhecido “diferenciado”.

Retomando as ideias de Fredrik Barth, Cuche expõe a questão da demarcação das fronteiras identitárias e afirma que “no processo de identificação o principal é a vontade de marcar os limites entre ‘eles’ e ‘nós’, de estabelecer e manter o que chamamos de ‘fronteira’” (CUCHE, 2000.p.200). Contudo o autor afirma que as fronteiras não são rígidas ou imutáveis e que elas podem ser “deslocadas” como resultado de outras mudanças, por exemplo, no plano social, econômico e político.

Manuel Castells é outro autor cujo trabalho foi revisado e que também contribuiu a partir de sua reflexão sobre a construção de identidade coletiva. Assim, Castells afirma o que entende por identidade a partir dos atores sociais e diz como sendo “[...] um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (os) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 2000, p.22). Sobre o sentido aplicado a palavra significado o autor esclarece que faz referência a aquilo que orienta a “ação praticada” pelos atores sociais.

Um dos contextos ressaltado pelo autor em que se insere a construção da identidade coletiva, conforme também apontado por Woodward é o da globalização

que por sua vez leva a um grande compartilhamento das culturas e isto tem sido encarado pelos Estados-Nação como um desafio de “(re) construção” da identidade fundamentada na nacionalidade que é “[...] invariavelmente definida por oposição ao estrangeiro” (CASTELLS, 2000, p.44).

Castells propõe pensar a construção da identidade coletiva a partir de perguntas, que segundo ele ganham a sua relevância sociológica e indaga: “[...] como, a partir de quê, por quem e para quê [...] essa identidade é construída (CASTELLS, 2000, p.23)” e aqui cabe pensar, segundo o autor, que “[...] a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder [...]”. (CASTELLS, 2000, p.24).

Desta forma Manuel Castells expõe suas ideias a partir do que ele chama de “sociedade em rede” que se caracteriza pela separação entre o local e o global, e é neste contexto que insere a discussão sobre o que foi chamado por Cuche de “monoidentificação” pretendida pelos Estados-Nação demonstrando com o exemplo da União Soviética e seu fracasso, que o Estado não “[...] é capaz de construir identidade nacional por si próprio” (CASTELLS, 2000, p.56).

Até a apresentação do último relatório a revisão de literatura realizada mostrou os fundamentos teóricos que ajudaram e pensar as reconfigurações identitárias, entre eles se encontra o estudo de Lesser (2001) que aborda a “hifenização”. Por meio dele foi exposto o processo da construção da identidade dos imigrantes no Brasil e principalmente suas lutas para serem reconhecidos dentro da brasilidade sem abrir mão de sua identidade “pré-migratória” formando-se assim uma identidade “hifenizada”.

Por “hifenização” Lesser (2001) entende a forma como estes imigrantes acionaram alguns marcadores identitários como, por exemplo, a língua por meio de poesias e outros documentos escritos em seus respectivos idiomas que serviram como estratégia privada de manutenção cultural.

Tal manutenção indica a delimitação de uma fronteira e são as “fronteiras étnicas” apresentadas por Barth (1998) a outra categoria abordada que trouxe a contribuição para pensar e situar a relação interétnicas que em outras palavras é a que nos ajudará a analisar a relação entre imigrantes e brasileiros e sua reconfiguração identitárias dos primeiros.

3. O CORPO E SUAS MODIFICAÇÕES

Partindo do princípio que o corpo também é protagonista no processo de sociabilidade, segundo Sérgio Gomes “a preocupação com o corpo dista de longa data” (GOMES, 2011, p.241), mas o que para os autores chama a atenção é que “não é privilégio de nossa época ter a medicina e suas práticas médicas associada à beleza [...]” (GOMES, 2011, p.81). Já Sander Gilman (1999) irá trazer este dado quando em seu percorrido pela história das cirurgias estéticas se refere aos registros históricos da medicina nos quais se encontram que em todas as épocas foram utilizados procedimentos médicos para melhorar a aparência.

As principais noções que abordam a questão do corpo e sua relação com a saúde por meio do trabalho de Leal *et al* (2010), o cuidado com sua aparência que está muito ligada aos discursos médicos e de estética que provoca uma constante insatisfação com o próprio corpo, esta questão também é apresentada por Ferreira (2006) segundo o qual isto acaba motivando uma busca de sua adequação; tal adequação passa pela modificação por diversos meios. Assim o trabalho destes autores me levou a conhecer e sistematizar as principais formas de modificação corporal que será citado mais adiante a partir de um trecho do trabalho de Sergio Gomes (2011).

Somente um estudo de caso apresentado no trabalho de Pussetti (2008) trouxe à tona a interseção temática entre imigração e corpo, embora não tenha relação direta com a temática de nosso interesse que é a reconfiguração identitária por meio das modificações corporais, nos aproximou de uma temática que aborda a submissão dos corpos à ordem política por meio das chamadas “etnopolíticas” que envolvem projetos, ideias e técnicas (entre as quais se encontra o planejamento familiar) por meio das quais se produz a normatização da conduta, da moral e do corpo do imigrante para “alinhá-los” à sociedade de acolhimento de modo a serem “bons cidadãos”.

Destaca-se finalmente o texto mais elucidativo que foi consultado e que trouxe grande contribuição para o aprofundamento da minha análise. Trata-se da abordagem histórica da cirurgia estética de Gilman (1999) onde é apresentada a sua prática ligada às modificações de traços étnicos datados no século XIX. Segundo os registros da medicina consultados pelo autor não há época em que procedimentos médicos não tenham sido utilizados para melhorar a aparência, ademais mostra como diversos grupos étnicos pelas associações que se faz a eles, especialmente no contexto

migratório, pode ser uma motivação a modificar seus traços. Por citar apenas um exemplo, as mulheres iranianas que encontram na rinoplastia uma forma de “borrar” a marca relacionada ao fundamentalismo pelo qual o mundo é ameaçado e ao qual se atribui um rosto específico.

Os autores acima citados também trazem a ideia do corpo “como determinante de felicidade” (Leal et al 2010, p.81) o que repetido por Sander Gilman (2005), Sérgio Gomes (2011), Richard Miskolci (2006); parafraseando este último a modificação corporal seria supostamente o ingresso para a o universo da felicidade, assim pode-se afirmar que a felicidade é o imperativo na procura da cirurgia estética. Francisco Ferreira (Ferreira, 2006, p.8) o irá chamar de “passaporte para a felicidade”.

Outra consideração importante trazida pelos autores é a questão geográfica como sendo um fator que promove a busca pela cirurgia estética em determinadas partes do corpo que são mais exibidas pela característica climática, por exemplo, “o Brasil por ser um país tropical contribui para que a exposição corporal seja mais acentuada” (Leal et al 2010,p.82) e ainda acrescentam que “Em cidades litorâneas como Fortaleza e o Rio de Janeiro, esse fenômeno é mais notório, diferente de lugares onde o frio não facilita a exposição do corpo” (Leal et al 2010,p.82).

O sentir bem com o próprio corpo passa pela “construção de ideais de felicidade” (GOMES, 2011, p.244) e é perseguindo estes ideais que os sujeitos têm submetido seus corpos aos ditames de uma cultura dominante e é diante disto que o autor faz uma análise das modificações corporais na sociedade contemporânea e que leva transformação do modo com que o homem contemporâneo se relaciona consigo, com os demais e com o seu “eu” por meio do uso de seu corpo de forma excessiva seja este como “[...] objeto de arte, como modelo identificatório e narcísico [...]” (GOMES, 2011, p.239).

Gomes apresenta um leque das “modificações corporais que ganhou forma de modo mais enfático a partir da segunda metade do século XX”

Cirurgias plásticas para aumento ou redução de determinadas partes do corpo; lipoaspiração; piercings, tatuagens [...], a indústria da moda, cujas roupas [...] formam uma espécie de “segunda pele natural”, identificando valores estéticos e coletivos; rígidas e variadas dietas de emagrecimento [...], fisiculturismo e diversas modalidades de ginástica; práticas mutilatórias, tais como próteses corporais, stretchin (abertura e alargamento de orifícios em determinadas partes do corpo - língua e orelha principalmente), cirurgias para

redução do estômago, último recurso para pessoas que sofrem de obesidade mórbida, mas que na última década se popularizaram de tal modo que mesmo pessoas com sobrepeso têm lançado mão desse artifício cirúrgico; as formas mais comuns de patologias somáticas encarnadas na superfície do corpo ou de drogadição; a cultura do healthism ou bodyism, cuja ideologia e moralidade da saúde e do corpo perfeito fazem com que sejamos escravos da estética e da beleza; branding (queimar a pele) (GOMES, 2006 p.243).

4. MODIFICAÇÕES CORPORAIS NO CONTEXTO MIGRATÓRIO

As principais ideias apresentadas no trabalho de Ennes e Ramos (2017) fazem referência à temática específica da pesquisa em questão torna-se fundamental a revisão destes autores considerando que a partir do trabalho deles foi construído o projeto em desenvolvimento para o contexto brasileiro e com o recorte nas regiões norte-nordeste do Brasil.

Diante do exposto acima, seguem algumas das principais ideias dos mencionados autores que ajudam na compreender e situar a presente pesquisa no sentido de nos remeter ao principal trabalho que deu origem a minha investigação.

Estes autores chamam a atenção para uma questão que faz também da presente pesquisa um estudo inovador para o contexto brasileiro, os mesmos manifestam que no levantamento bibliográfico desenvolvido por eles permitiu conhecer que o assunto já mereceu a atenção de pesquisadores estrangeiros não sendo encontramos referências a pesquisadores brasileiros.

Seguidamente Ennes e Ramos (2017) introduzem a reflexão para o contexto migratório uma vez que esta conjuntura permite a “produção de diversidade”, e, ainda nas palavras dos autores “o imigrante foi, na passagem do século XIX para o XX, a materialização da diferença étnica/racial, hoje, materializa a diferença cultural” (ENNES, RAMOS, 2017, p.188). Tal diferença vista muitas vezes de forma negativa e que, motivada pelas teorias eugenistas e racistas levou a práticas que suprimissem a diferença pela via da assimilação ou pela eliminação, a consequência desta última é bastante conhecida na história.

Os fluxos migratórios como todo fluxo tem sua força e nele se consolidaram as afirmações das identidades como sendo um direito, se pode dizer, um direito à

diferença. A evidência dos imigrantes ainda continua sendo em muitos casos manifesta pelos seus traços étnicos que os autores acima citados propõem como chave para pensar três categorias analíticas que tem a ver com a questão da “interseção do debate imigração, consumo e interculturalismo” (ENNES, RAMOS, 2017, p.190)

Os autores trazem a discussão da interculturalidade como sendo uma categoria que se encontra nas políticas de integração nos países em que se desenvolveram a pesquisa que originou o trabalho que são a Espanha e Portugal. Em ambos os países, porém, o “termo intercultural” é ausente nos discursos das autoridades, do nome dos órgãos públicos e da legislação que trata do tema” (ENNES, RAMOS 2017, p.190).

Seguidamente os autores apresentam as cirurgias plásticas estéticas e o que motiva o consumo deste tipo de procedimento, para isso citando Baumam (2008) e Santos (2013) que identificam tais motivações estimuladas pela sociedade de consumo em que a estética e a cosmética não mais são consideradas necessidades supérfluas. A sociedade pós-moderna, afirmam Ennes e Ramos, citando vários teóricos, se caracteriza pelas “formas descentralizadoras de identidades” (ENNES, RAMOS, 2017, p.191) e mencionam que entre os teóricos citados o imigrante é considerado na categoria de sujeito pós-moderno por viver o processo descentralizador da sua identidade.

Entrando na discussão sobre o tema específico de interesse na pesquisa que são as modificações corporais por meio das cirurgias estéticas ou cirurgias plásticas como são conhecidas comumente, elas são classificadas basicamente em estéticas e reparadoras. Segundo Ennes e Ramos é difícil determinar por consenso quando elas são consideradas estéticas ou reparadoras já que elas estão vinculadas às políticas de saúde de cada país e daí a questão delas serem incluídas ou não nos sistemas públicos de saúde.

Os autores acima referidos, citando Gilman (2005) apontam para as cirurgias estéticas étnicas como um tipo de procedimento que se encontra nos registros históricos da medicina por tanto este fenômeno não pode ser compreendido apenas como uma prática característica da pós-modernidade.

5. IMERSÃO NO CAMPO DE PESQUISA

Até o momento foram contatados 23 imigrantes das seguintes nacionalidades: (2) paraguaia, (1) uruguaia, (3) argentina, (2) peruana, (1) colombiana, (5) timorense, (1) mexicano, (1) belga, (1) cubana, (1) boliviana, (1) afegã, (3) dominicana, (1) francesa. Dentre elas, dezoito do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Das nacionalidades referidas foram entrevistadas cinco imigrantes das seguintes nacionalidades: peruana, timorenses, argentina e uruguaia. Todos do sexo masculino.

A maioria dos imigrantes foram localizados na UFS pelo que se mostrou pertinente solicitar ao Departamento de Administração Acadêmica (DAA) os dados relacionados à presença de estudantes imigrantes na referida universidade de forma a fornecer o panorama atual em relação à presença destes na instituição. Foram identificados 33 alunos com matrícula ativa nos cursos de graduação.

Foram realizadas cinco entrevistas e de modo geral foi possível reconhecer na fala dos entrevistados os elementos que os “denunciam” como estrangeiros entre eles se encontra a língua pois três são de língua espanhola e dois falantes de sua língua nativa (tétum) utilizada para se comunicar com seus pares nacionais, mas utilizam o português (o brasileiro atualmente) para se comunicar com os demais de seu círculo. Um deles mencionou ter se sentido discriminado no início de sua chegada à universidade uma vez que foi reconhecido como não falante do português não foi incluído em grupo de trabalho em uma matéria específica, neste fato se pode relacionar o elemento que levou os pesquisadores mencionados por Cuche (2002) a construir a ideia de identidade cultural já que o que estava em questão era a forma de analisar os problemas de integração dos imigrantes.

Também dos cinco entrevistados, quatro fizeram referência à aparência física como um fator de estranhamento, mas que não foi traduzido em preconceito. Um deles apresenta uma aparência reconhecida dentro do padrão europeu de beleza o que, segundo o mesmo lhe proporcionou benefícios em vários momentos como o de não lhe ser solicitada a apresentação de documento em abordagem policial e inclusive realizando viagem internacional sem passar pelo departamento de migrações. Desta forma aparecem em evidência a questão da diferença apresentada principalmente por Woodward (2002) como marcador ou como fator inerente à identidade.

A “identidade sincrética” referida por Cuche (2002) se reconhece na fala de Fito que não é estudante e faz malabar nos semáforos da cidade. Pela sua trajetória

migratória que para ser mais concreto é uma constante migração, como forma de adaptação e aqui cabem as situações particulares referidas também pelo autor, que o levam a produzir esta síntese das várias identidades já que constantemente se encontra fazendo parte de várias culturas e muitas vezes em períodos curtos de tempo considerando que realiza suas viagens utilizando como meio de transporte uma bicicleta.

Em relação à questão das modificações corporais e sendo está a forma pela qual investigamos a reconfiguração identitária dos imigrantes a partir de suas relações com os brasileiros, três dos cinco entrevistados manifestaram ter o desejo de melhorar a sua aparência.

Dois deles em relação ao peso, que neste caso se refere ao seu aumento, um deles em relação à redução como também a colocação de aparelhos para corrigir a forma dos dentes

Quatro dos cinco entrevistados fizeram referência ao Brasil como sendo um país onde o corpo é um fator de muita atenção e cuidado e também de exposição o que despertou a atenção sobre seu próprio corpo que em seu lugar de origem não tinha sido merecedor de atenção no sentido de cuidado com a aparência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reconfigurações identitárias são um processo importante que se insere no contexto migratório, elas podem ser representadas por meio da assimilação ou aculturação, mas também por mudanças que envolvem a construção do corpo segundo os ditames da sociedade na qual o novo sujeito está inserido.

Uma das principais formas de reconfiguração identitária localizada na literatura e que apontam para uma inovação na pesquisa no âmbito referido é o das modificações corporais por meio das cirurgias estéticas étnicas.

Estas podem ser abordadas a partir das ideias de corpo que os médicos cirurgiões apresentam em seu discurso, como também os ideais de saúde e beleza construídos por um discurso esteticista e que pode provocar a constante insatisfação com o próprio corpo buscando de essa forma adequá-lo aos ditames da sociedade de consumo.

REFERÊNCIAS

- BARTH, Fredrik. **Grupo étnico e suas fronteiras**. In.: POUTIGNAT, Philippe, STREIFF-FERNART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Editora Unesp, 1998. p. 187- 227.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CUCHE, Dennys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. Ed. Bauru/SP, 2002.
- EMIRBAYER, Mustafa. **Manifiesto en pro de una sociologia relacional**. Traducción de Alicia María Fernánde. Revisión final de Hanni Jalil Paier. Título original: “Manifest for a Relational Sociology”, en: *The American Journal of Sociology*, Vol 103:2, 1997. pp. 281-317.
- ENNES, Marcelo A., RAMOS, Natália. **Cirurgias estéticas étnicas e migração em Portugal e Espanha**. Revista Mediações v. 22. n.1junho/2017. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/28918/pdf> >
- FERREIRA, Francisco Romão. **Os sentidos do corpo: cirurgias estéticas, discurso médico e Saúde Pública**. Disponível em <<http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4465/2/239.pdf>>
- GILMAN, Sander L. **La sorpendente história de lacirurgia estética – Etnicidad y cirugia estética**. Cirugia Estética. “El tema de lacirurgia estética queda definitivamente zanjado com este libro: no hay más que decir”. *Vice, Nueva York*. ED. Angelika Taschen.©2005 TASCHEN .p.62 – 133
- MISKOLCI, Richard. **Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência**. Rev. Estud. Fem. [online]. 2006, vol.14, n.3, pp.681-693. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2006000300006>>
- SILVA, Sergio Gomes da. **As modificações corporais na sociedade contemporânea**. cad. psicanál.-cprJ, rio de Janeiro, v. 33, n. 25, p. 239-257, 2011. Disponível em:<http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno25_pdf/20_CP_25_AS_MODIFICACOES_CORPORAIS_NA_SOCIEDADE>
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. In: SILVA, Tomaz Da Silva (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7 – 72.